

Mataram os corpos e os sonhos, mas pagaram o caixão e emprestaram a bandeira

Fatima Sueli Neto Ribeiro

[Doutora em Saúde Pública. Coordenadora do Grupo de Ensino e Pesquisa em Câncer - GEPEC da UERJ/Universidade do Estado do Rio de Janeiro]

Sonhos modestos de meninos entre 14 e 16 anos... desejos de ajudar a família. Saíram de suas casas, adotaram uma vida nômade morando onde a oportunidade de jogar bola se fazia. Este tipo de trabalho, com visibilidade para multidões, sucesso e fama era o sonho de todas as 10 famílias. Que seu menino ultrapassasse a hierarquia invisível da classe pobre e fosse para os privilégios da classe admirada. Estas aspirações de 10 meninos no trabalho de jogar futebol podem ser substituídas no vínculo empregatício por trabalhar na construção civil ou numa mineradora multinacional.

Enfim, em qualquer local que os levem a buscar empregos, sustento e ultrapassar a pobreza. Mesmo que para isso tenham que dormir em galpões improvisados ou mesmo na estrada. Ainda que tenham que passar dias e meses sem ver a família e estar a todo momento disputando com o tempo pelo melhor resultado, com o corpo pela melhor performance e com as atividades pela melhor meta.

Eram trabalhadores jovens que almejavam viver de sua força de trabalho e foram mortos por um projeto oculto no espaço de um estacionamento, numa autorização de funcionamento não fornecida, no desrespeito completo pela vida.

Situação tão frequente nos alojamentos conhecidos da construção civil, de boias-frias, mas nunca pensado no glamour de um time de futebol de fama internacional.

Agora estão os 10 mortos. E nem por isso outros times se apressaram em organizar seus alojamentos, afinal a hierarquia moral precisa ser mantida.

Contam com a fiscalização que ainda não tem capilaridade para alcançar a todos.

Daqui a pouco esquecem, como tantas outras tragédias que já foram negligenciadas e seus responsáveis condenados a pagar simbólicas bolsas de alimentos.

Neste caso, se cogita pagar indenizações escalonadas por tempo de carreira, salário médio e tipo de lesão.

A cada vida um preço definido pelo contratante, tornando mensurável a hierarquia moral e evidenciando quem está no topo.

Um lado das condições de trabalho foi posto às claras com estas 10 mortes.

Um lado sobre o qual o trabalhador não tem gerência, apenas se sujeita.

Um lado que depois de famosos se esquecem e naturalizam.

Ademais da impunidade, aí começam os verdadeiros problemas. Naturalizam-se o desconforto, a fome, as exigências sobre humanas, as angústias, a necessidade de superar o companheiro.

Naturalizam-se a dor, as lesões e a morte no exercício do trabalho na ousada busca pela possibilidade de mudança social.

O enterro com a bandeira do Flamengo sobre o caixão é muito emblemático.

A mesma empresa que alimentou sonhos de superar a pobreza, de passar para a casta de famosos, mata o trabalhador e continua presente na obediência consentida dos oprimidos, na subserviência do espírito colonizado pela hierarquia invisível.

Aceitar a bandeira sobre o caixão é um pouco acreditar que a mudança social finalmente aconteceu. A fama e o reconhecimento da multidão aconteceu.

Mas o trabalhador está morto. ■■■



Enterro de atleta do Flamengo que morreu no incêndio do alojamento dia 8 de fevereiro de 2019. Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil <https://www.otempo.com.br/superfc/corpos-de-mais-cinco-v%C3%ADtimas-de-inc%C3%AAndio-no-ct-do-flamengo-ser%C3%A3o-enterrados-1.2134953>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.